

Implicações metodológicas em processos de pesquisa em Educação Popular

Isaura Isabel Conte*

Resumo: Os procedimentos metodológicos, nos seus mais variados formatos, servem para responder ou problematizar questões colocadas pela centralidade de processos investigativos e, por esse motivo tem sido motivo de (pre) ocupação constante de pesquisadores e pesquisadoras. Por meio desse ensaio, nos propusemos refletir acerca dessas questões, na Educação Popular considerando a pesquisa-ação, pesquisa participante e a objectivação participante. Um dos questionamentos centrais diante do estudo das diferentes possibilidades de pesquisa e de sujeitos a serem pesquisados é, seguramente, *pesquisar para quê? Ou: o que esta pesquisa contribui para que tenhamos mais vida?* A partir das reflexões e indagações pessoais e coletivas, consideramos relevante sublinhar que, a escolha dos procedimentos metodológicos são forçados pela própria questão de pesquisa e seus desdobramentos. Pesquisar, nos dias atuais, significa, acima de tudo, considerar a sociedade em que se vive para poder perceber as limitações, interferências e progressos possíveis que atravessam tanto o campo de pesquisa quanto os (as) pesquisadores (as).

Palavras-chave: Pesquisar. Procedimentos Metodológicos. Educação Popular.

Methodological implications in research of processes in Popular Education

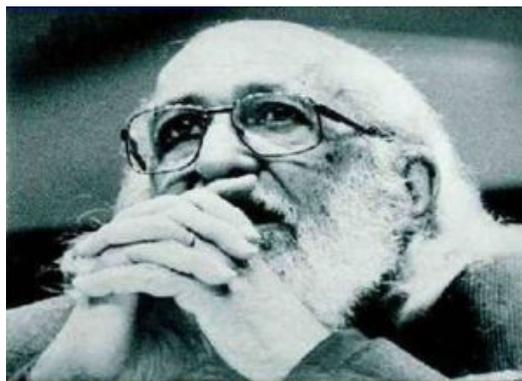
Abstract: The methodological procedures, in its various formats, used to answer questions or discuss the centrality of research processes and for this reason has been the subject of (pre) occupation constant of researchers. Through this essay, we propused to reflect on these issues, considering the Popular Education in action research, participant research and the participant objectification. One of the main questions facing the study of the different search facilities and subjects to be studied is certainly *searching for? Or: what contributes to this research we have more life?* From the reflections and questions personal and collective, we consider important to accentuate that the choice of methodological procedures are forced by their own research question and its developments. Search, nowadays, means, above all, consider the society they live to be able to realize the limitations, interference, and possible developments that cross both the research field as the researchers.

Key words: Search. Methodological Procedures. Popular Education.



* **ISAURA ISABEL CONTE** é Doutoranda em Educação pela UFRGS. Mestra Educação nas Ciências pela Unijuí. Bolsista CNPQ.

Sempre que nos implicamos em processos de pesquisas, haverá esforços em vista de responder algo que está em nosso campo de (pre)ocupações e, por esse motivo, estaremos diante do



Paulo Freire (1921-1997)

questionamento de *como proceder* para conhecer/desvelar aquilo que nos motiva. Desse modo, mesmo que não nos demos conta das escolhas ou induções metodológicas utilizadas ou que, porventura não sabemos de qual, nomenclaturamente se trata, há sempre uma ou mais, em todos os procedimentos que implicam as pesquisas, caso contrário, não é possível pesquisar.

Este artigo é baseado em pesquisas bibliográficas, bem como, experiências desenvolvidas em ambiente escolar e extra-escolar, na atuação em Movimentos sociais¹ e, por isso, relaciona-se à Educação Popular. Assim, trataremos de três tipos de pesquisa que se identificam com este campo, buscando compreender melhor a Pesquisa-ação²; Pesquisa Participante³ e

a Objectivação Participante. Estas, por sua vez, fazem parte da construção da ciência e da cientificidade, onde mesclam-se, em nosso entendimento, o popular e o científico.

De acordo com Fals Borda (1987), a

ciência não é uma articulação própria e autônoma do conhecimento, senão uma produção cultural sujeita a atitudes, crenças, superstições, inclusive, por parte dos cientistas e de todos que fazem ciência. Com a reflexão do autor é pertinente que retomemos a questão da pesquisa, indagando sempre: *pesquisar para quê? Para quais interesses? A pesquisa reforça quais poderes e quais concepções?* Acima de tudo, o autor nos leva a perceber até onde existe neutralidade nas ciências e sua produção, organização, fragmentação, disponibilização ou concentração de conhecimentos.

Como já alertava Marques (2006), não se faz ciência sem teoria e, por isso, esse autor referenda Florestan Fernandes, enfatizando o fato de que se constrói teoria por meio da pesquisa. Nesse sentido, salientamos a importância da realização de pesquisas e, em se tratando do campo popular, com comprometimento dos (as) pesquisadores (as), algo possível na pesquisa participante e na pesquisa-ação. Na argumentação de Gil (1999, p. 52) “a escolha do tema de pesquisa sempre indica algum tipo de comprometimento”, ainda que, se deve fazer o árduo esforço do afastamento

aspectos de Organizações nas quais são inseridos, mesmo o autor não explicitando comprometimento com as causas populares.

¹ Uma das autoras é militante do Fórum Estadual de Educação Infantil e a outra é militante do Movimento de Mulheres Camponesas.

² A chamada Pesquisa-ação no Brasil é mais conhecida como Investigação-Ação-Participativa na América Latina (IAP).

³ Bourdieu (1989) trata de *objectivação participante*, o tipo de pesquisa na qual o (a) pesquisador (a) conhece bem o campo a ser investigado, pelo fato de ter ou, convivido ou, ter sido um dos integrantes, citando o caso de grupos considerados excluídos da sociedade, como delinquentes jovens, por exemplo. Ao que entendemos, a objectivação participante contribui muito para pesquisas feitas por militantes, os quais fazem investigações em

enquanto pesquisador (a) para pesquisar.

Em se tratando de procedimentos adotados, (o que não pode ser confundido com *metodologia*⁴ e verifica-se que de forma geral tem acontecido confusões), cabe destacar que após uma boa questão de pesquisa formulada são necessários muitos estudos em vista de verificar qual ou quais tipos de pesquisa serão adotados e quais técnicas e instrumentos de coleta de dados essas pesquisas exigem para responder à questão de pesquisa e seus desdobramentos.

Outra questão relevante a ser levada em conta de acordo com Gil (1999), é com relação ao método qualitativo ou quantitativo e, considera-se que ambos possuem fragilidades e potencialidades, optando-se por um ou outro ou por ambos, se necessário, considerando o que cada um deles tem de específico para auxiliar pesquisadores (as) no desenrolar da pesquisa. Segundo o pesquisador, o método qualitativo permite ir fazendo questões em vista de aprofundamento e, em geral, são utilizados entrevistas com roteiros e questões abertas.

Segundo o mesmo autor, via de regra, o questionário é um instrumento que remete ao método quantitativo, por permitir captar dados numéricos e fazer estatísticas, etc., no entanto, pode ser utilizado com questões abertas também no método qualitativo. As observações servem aos dois métodos e, no caso de pesquisa na área das ciências sociais, o estudioso chama a atenção para que, quando utilizada essa técnica, acrescer a

ela mais alguma, para evitar incorrer em equívocos.

No que tange à Educação Popular e pesquisas desde o campo dos Movimentos Populares ou setores sociais em luta, citamos, como referenciais importantes dos tipos de pesquisas citadas, autores como Carlos Rodrigues Brandão, Orlando Fals Borda, Marcela Gajardo, René Barbier, Pierre Bourdieu, sendo que este último discorre sobre a objectivação participante, ao que parece, ainda pouco comentada e estudada no Brasil.

Contudo, as diferentes pesquisas em questão, permitem falar, estudar e investigar desde o campo popular em luta por transformações e, talvez não se adéque às ciências exatas, as quais em geral requerem experimentação, comparação e utilização de amostragem.

Além do *como proceder*, considerando os elementos anteriormente descritos, outra questão central é que nos perguntemos *para que fazer tal pesquisa?* E, seria muito interessante que a resposta não fosse *porque quer meu (minha) orientador (a)*. Destacamos esse aspecto, pelo fato de que, não são apenas em espaços considerados formais que podem ser desenvolvidas investigações.

Não desmerecemos, de forma alguma, a contribuição de orientadores e orientadoras no processo de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica, no entanto, acreditamos ser de extrema importância o *fazer-se* pesquisador (a) com certa autonomia. Freire (1996, p. 110), afirma que “educação é uma forma de intervenção no mundo”, e, também um ato político. Partindo dessa concepção, entende-se que o autor propõe que pensemos quais escolhas estão presentes no ato de

⁴ Significa o estudo dos métodos e técnicas aplicadas, por isso, utilizamos o termo procedimentos metodológicos para nos referir aos diferentes tipos de pesquisa, métodos e técnicas utilizadas.

pesquisar e, acima de tudo, como, ou de que forma os (as) educadores (as) ensinam a pesquisar, pois enfatiza o importante papel dos (as) educadores (as) no processo político-pedagógico.

No que concerne ao *o que pesquisar*, entendemos que cabe então questionar, *o que a pesquisa contribui para que tenhamos mais vida?* Nesse sentido, sublinhamos a importância da realização de pesquisas as quais possam servir de aporte para reflexões e ações, em vista de proporcionar melhores condições de vida às pessoas e ao planeta. A partir dessa ponderação, torna-se relevante a capacidade crítica de perceber quais sujeitos serão beneficiados, mesmo no campo teórico, com a pesquisa desenvolvida.

Aparece, nesse sentido, as opções ou oportunidades que as pessoas têm ou não, com relação à escolha sobre o que pesquisar. Contudo, cabe destacar, que, primordialmente na iniciação científica, se aprende pesquisar e, diante disso os educadores e educadoras têm um papel fundamental no que se refere ao como apresentam o processo de pesquisa. Desse modo, sabe-se que cabe a eles e elas apontar caminhos, abrir possibilidades sobre a amplitude de abrangência destes ou daqueles sujeitos ou experimentos a serem pesquisados, bem como, as implicações desta ou daquela escolha.

Desse ponto de vista, salientamos que está implícito o caráter de comprometimento pessoal com a possibilidade de transformação sociocultural, por parte de quem possui a função de ensinar processos de investigação da realidade. Ante a este fato, consideramos importante destacar que, mostrar ou deixar de mostrar possibilidades tem implicações no campo da ética, da qual argumenta Freire

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza em puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. (2004, p. 24, grifos do autor).

A partir da ponderação que tomamos de Freire, por ser também uma escolha política nossa no texto, ressaltamos que o comprometimento, o qual nos referimos anteriormente, tem a ver com o ato de apontar ou esconder questões gritantes como a desigualdade de classes, discriminação de gênero, etnia, orientação sexual e assim por diante. Ressalvando casos de ingenuidade, fazer de conta que vivemos em uma sociedade cujos interesses políticos das escolhas não permeiam a educação, os processos de pesquisa bem como as metodologias que permitem enxergar ou não certas situações, constitui-se em servir a ordem hegemônica e antiética, parafraseando Freire.

Ensinar a pesquisar sabendo e possibilitando ver as implicações políticas entrelaçadas ao caráter pedagógico do ato investigativo, ao nosso ver, prepara os (as) discentes a darem-se conta de qual sociedade e de quais interesses sócio econômicos culturais se põem em questão durante uma pesquisa. Nesse aspecto retomamos a pergunta: *pesquisar para quê?* Brandão (1987), desde o campo de educação popular, retoma a mesma questão indagando, para que fins serve e, qual poder ajuda a fortalecer com o desenvolvimento da pesquisa?

Em meio a tantas circunstâncias que envolvem a pesquisa e os caminhos que ela pode tomar, destacamos a aplicação de grande volume financeiro por parte de empresas poderosas e grupos

transnacionais, os quais acabam direcionando boa parte da educação e, conseqüentemente das pesquisas. Sobre isso Streck (2002, p. 55) argumenta que, “o discurso da liberdade de escolha acaba, no fim, esta mesma lógica de consumo e de oferta de bens e serviços. Resumindo, de fato não há muito o que discutir porque alguém já definiu o que e como fazer”.

O mesmo pesquisador faz uma crítica dura à mercantilização da educação, ao mesmo tempo em que fala da fragilidade do papel de intervenção do Estado nas políticas públicas relacionadas à educação. Alerta, também, para o distanciamento entre onde ocorrem as decisões acerca das políticas públicas e o setor educacional. Frente a esse fator, Andrioli (2008) em sua obra, demonstra a cooptação de grande parte dos (as) pesquisadores (as) por parte de grupos empresariais, os quais financiam pesquisas tendenciosas, ou seja: submetem pesquisadores (as) a dar cientificidade e credibilidade para aquilo que forçam e forjam ser verdadeiro.

O referido pesquisador apresenta estudos relacionados ao campo da transgenia, mas, argumenta sobre o conjunto das pesquisas nos países. Afirma ele, que cerca de 85% das pesquisas do mundo são financiadas por empresas interessadas nos resultados, o que deixa margem para questionarmos sobre o grau de autonomia possível por parte de quem pesquisa, em se tratando de estar recebendo financiamento de uma empresa poderosa.

A partir do que nos é apresentado pelo autor, ainda que estamos tratando sobre implicações metodológicas, sugerimos que se possa considerar a ciência e sua forma de produção de conhecimento. Como ficou nítido a partir de Streck e Andrioli, há direcionamento das

pesquisas, dos próprios processos educacionais, sendo que o mesmo acontece com relação aos processos metodológicos, seus métodos utilizados a fim de obter resultados ou sínteses.

Algumas considerações...

Imaginamos ter deixado bastante evidente o fato de as orientações metodológicas, independentes de quais forem, não serem desvinculadas do tipo de pesquisa das técnicas e instrumentos de coleta de dados. Desse modo, queremos enfatizar que a escolha dos procedimentos metodológicos não acontecem aleatoriamente ou pelo fato de o (a) pesquisador (a) simpatizar com um ou outro. Em geral, é o tipo de pesquisa e a rigorosidade da análise dos dados que exigem os procedimentos metodológicos, bem como, os instrumentos que possibilitarão a geração de dados e reflexões.

Na Educação Popular, tem sido bastante comum a utilização da pesquisa-ação e da pesquisa participante, por causa de sua vinculação com Movimentos, Organizações e grupos de luta popular. Sobre estas duas maneiras de pesquisa Fals Borda e Brandão (1987) argumentam que, há implicações políticas por parte dos (as) pesquisadores (as) e ambas, sabem-se não neutras, o que, também tem sido motivo de muitas críticas. Segundo esses autores, em geral, tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante servem a interesse de grupos de grupos e possuem, desse modo, dimensões humanísticas além de científicas.

Pesquisar, nos dias atuais, significa, acima de tudo, considerar a sociedade em que se vive e, se os procedimentos metodológicos constituem o caminho para chegar a algum lugar, temos que percebê-los com seus cruzamentos e,

por vezes, encruzilhadas onde pairam muitas dúvidas e também interesses. Assim, talvez o aspecto mais interessante seja podermos pensar repensar este caminho durante o desenrolar da pesquisa.

Dessa maneira, repensar tais procedimentos, por vezes os tipos de pesquisa durante as investigações a que nos propusemos, implica em mudar de caminho se necessário for, sem jamais, perder o foco central de nosso interesse. Quem vai dizer isso, é a própria questão de pesquisa, pois como já alertava Marques,

pesquisar é puxar os cordões que ligam entre si as práticas de um mesmo campo empírico em sua continuidade histórica e, ao mesmo compasso, os entrelaçam com os cordões que vinculem e conduzem os entendimentos de que tais práticas se entrelaçam no campo teórico (p. 104).

Acima de tudo, a partir da argumentação do autor, fica explícito a vinculação teoria-prática nos processos de pesquisa, a qual necessita de procedimentos metodológicos coerentes para responder ou problematizar questões de pesquisa, ou aquilo que chamamos de centralidade de pesquisa, pelo fato de ter-se uma questão central e junto à ela, desdobramentos, ou seja, instigações secundárias.

Em se tratando da relação teoria-prática, entendemos que nenhuma pesquisa pode ser considerada somente teórica, no sentido literal, pelo fato de as teorias terem brotado de alguma prática em algum tempo histórico, caso contrário não existiriam. Referente ao campo

teórico, Marques (2006, p. 103) destaca que “não baixa das nuvens. Brota do chão das práticas; não espontaneamente, mas sob o acicate da interrogação, da reflexão”. Entende-se, desse modo, que é pelo motivo de questionar, refletir ou acrescentar, que se faz pesquisa, garantindo assim, cientificidade, ao contrário, quando algo se dá como comprovado/acabado, acaba a cientificidade, ao menos do ponto de vista das ciências humanas.

Referências

- ANDRIOLI, Antônio Inácio; Fuchs, Richard . *Transgênicos, as sementes do mal*. A contaminação dos solos e dos alimentos. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- BORDA, Orlando Fals. Encuentro de instituciones uruguayas com Orlando Fals Borda. In: INSTITUTO DEL HOMBRE. *Investigación participativa*. 2. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental SRL, 1987. p. 09-30.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Encuentro de instituciones uruguayas com Carlos Rodrigues Brandão. In: INSTITUTO DEL HOMBRE. *Investigación participativa*. 2. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental SRL, 1987. p. 31-49.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. Edição especial cedida ao MST. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARQUES, Mário Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- STRECK, Danilo. Cidadania e financiamento da educação: onde ancorar o discurso do financiamento. In: PEREIRA, Elisa Gonsalves (Org.). *Educação e grupos populares: temas (re)correntes*. São Paulo: Alínea, 2002.